

**COMO “MENINOS DO FAROL” TUDO É SINÔNIMO DE FESTA:
uma Cartografia Antropofágica das Paisagens no bairro de Mãe Luiza,
Natal – RN**

**AS “BOYS OF THE LIGHTHOUSE” EVERYTHING IS SYNONYM OF
PARTY: an Anthropophageal Cartography of the Landscapes in the Mãe Luiza
neighborhood, Natal – RN**

**COMO “NIÑOS DEL FARO” TODO ES SINÓNIMO DE FIESTA: una
Cartografía Antropofágica de Paisajes en el barrio de Mãe Luiza, Natal – RN**

Luiz Carlos da Silva Filho

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professor da Rede Municipal de Ensino de São Lourenço da Mata – PE.
luizcarloss246@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0002-3621-3740>

Recebido: 19/06/2021; Aceito: 26/04/2022; Publicado: 31/12/2022.

RESUMO

Este trabalho busca mapear uma experiência lúdica realizada na 1ª Semana de Artes de Mãe Luiza na oficina “Olha essa Luz”, ministrada pela professora Carol Macedo, em 2019, no bairro de Mãe Luiza, na cidade de Natal - RN. O objetivo deste trabalho foi narrar a relação construída entre o Cartógrafo e o Garoto na construção da afirmação de confiança a partir de uma máquina desejante (câmera fotográfica). Para tanto, utilizamos o hodós-metá proposto por Silva Filho (2021) denominado de Cartografia Antropofágica das Paisagens, utilizando o diálogo e a geofotografia como instrumentos de compreensão da subjetividade e da relação entre o sujeito e a paisagem. A Cartografia Antropofágica das Paisagens promoveu uma expansão do nosso fazer geográfico, entrando num novo campo que nos permitiu mergulhar sem limitações na experiência do vivido. Portanto, ao longo dessa cartografia feita por este novo cartógrafo, ele se conectou com a forma subjetiva do olhar do Garoto e de seus amigos com as suas fotografias na produção da confiança.

Palavras-chave: Cartografia Antropofágica das Paisagens; Geofotografia; Confiança; Vivência.

ABSTRACT

This work seeks to map a playful experience carried out in the 1st Week of Arts of Mãe Luiza in the workshop “Look at this Light” taught by teacher Carol Macedo in 2019 in the Mãe Luiza neighborhood in the city of Natal - RN. The objective of this article was to narrate the relationship built between the Cartographer and the boy in the construction of the affirmation of trust from a desiring machine (photographic camera). Therefore, we used the hodós-metá proposed by Silva Filho (2021) called Anthropophagic Cartography of Landscapes, using dialogue and geophotography as instruments for understanding subjectivity and the relationship between the subject and the landscape. The Anthropophagic Cartography of Landscapes promoted an expansion of our geographic making, entering a new field that allowed us to dive without limitations in the experience of what was lived. Therefore, throughout this cartography made by this new cartographer, he connected with the subjective form of the look of the boy and his friends with their photographs in the production of trust.

Keywords: Anthropophagic Cartography of Landscapes; Geophotography; Confidence; Experience.

RESUMEN

Este trabajo busca mapear una experiencia lúdica realizada en la 1ª Semana de las Artes de Mãe Luiza en el taller “Mira esta Luz” impartido por la profesora Carol Macedo en 2019 en el barrio Mãe Luiza de la ciudad de Natal - RN. El objetivo de este trabajo fue narrar la relación construida entre el Cartógrafo y el Niño en la construcción de la afirmación de la confianza desde una máquina deseante (cámara fotográfica). Para ello, utilizamos el hodós-metá propuesto por Silva Filho (2021) denominado Cartografía Antropofágica de las Paisajes, utilizando el diálogo y la geofotografía como instrumentos para comprender la subjetividad y la relación entre el sujeto y el paisaje. La Cartografía Antropofágica de las Paisajes promovió una expansión de nuestro hacer geográfico, entrando en un nuevo campo que nos permitió bucear sin limitaciones en la experiencia de lo vivido. Por eso, a lo largo de esta cartografía realizada por este nuevo cartógrafo, conectó con la forma subjetiva de la mirada del niño y sus amigos con sus fotografías en la producción de confianza.

Palabras clave: Cartografía Antropofágica de las Paisajes; Geofotografía; Confianza; Experiencia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca narrar a relação construída entre o Cartógrafo, o Garoto e a máquina fotográfica na construção da afirmação de confiança dos sujeitos a partir da Cartografia Antropofágica das Paisagens. Assim, adentrando no campo das afetações, em uma geografia emocional baseada a partir das contribuições de Suely Rolnik (2011) e Ângelo Serpa (2019).

Então, essa Cartografia Antropofágica das Paisagens nada mais é do que uma nova forma de compreender, perceber, viver e estar no mundo contribuindo para o entendimento da Paisagem. Alicerça-se sobre a base filosófica de Deleuze e Guattari (1996, p. 16) que define a cartografia como parte do quinto princípio do rizoma, que é “fazer o mapa, não o decalque”. Nesse sentido, acompanhando os percursos que implicam nos “processos de produção, conexão de redes ou rizomas”, portanto, “são múltiplas as entradas em uma cartografia” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009), de modo que os caminhos a serem seguidos não exerçam ou construam centralidades no fazer.

Nesse caminhar é preciso chegar no campo mais profundo do ser, mergulhando na “geografia dos afetos” e assim fazer com que seja possível construir e reforçar as “pontes para fazer sua travessia” a partir das narrativas que circulam e atravessam nossos corpos (ROLNIK, 2011, p. 66). Sendo essa geografia dos afetos materializada de forma processual no espaço vivido, acontecendo interruptamente e que cabe ao cartógrafo observá-las e identificá-las.

Nesse cenário descrito anteriormente, encontramos na I Semana de Artes de Mãe Luiza, na oficina “Olha essa Luz”, ministrada pela professora Carol Macedo, realizada em novembro de 2019 no bairro de Mãe Luiza, localizado na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, o momento perfeito para realizar nossa primeira Cartografia Antropofágica das

Paisagens. Buscou-se observar os movimentos que se destacavam nas diversas possibilidades de processualidades ocorrentes naquele lugar, tornando a nossa escrita em uma espécie de mapa em resposta ao viver o mundo que não habitamos junto às afetações lançadas pelos corpos vibráteis. Produz-se, então, uma etnocartografia das paisagens juntamente com os lugares, onde os sujeitos agora tornam-se parte do “fazer com” e a sua constante relação no mundo dos afetos e das emoções colabora de forma imediata com a produção das noções geográficas (SERPA, 2019).

Portanto, “se considerarmos que sempre agimos a partir de um lugar e que as ações constituem um enredo, uma enunciação, então todos os lugares são lugares da enunciação, base para a reprodução do vivido e para a realização das práticas espaciais”, pois são nos lugares que encontramos as cristalizações do real objetivo, já que ali as experiências são somatizadas em conjunto de outras experiências, uma genealogia do saber e do vivido, “são existenciais e uma fonte de conhecimento e responsabilidade social” (SERPA, 2019, p. 81-82).

Nesse sentido, a Cartografia Antropofágica das Paisagens surge como um instrumento que permite o geógrafo expandir seu tato em busca de uma Geografia Transversal e de travessias. Agora deve ter a capacidade de tornar a luz a binaridade entre o passado-presente e o presente-futuro e assim ter como entrada o presente para compreender essa genealogia histórica do saber. Assim, poderemos romper com as binaridades da dicotomia geográfica e adentrar junto ao outro como parte daquilo que vejo. Sendo esse novo fazer um modo de dialogar e interagir com as outras formas de compreender o mundo para além do campo geográfico e, então, indo de encontro em outras disciplinas para fortalecer o entendimento do “mundo do outro” –aqui somamos com a psicologia.

A CARTOGRAFIA ANTROPOFÁGICA DAS PAISAGENS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

A Cartografia Antropofágica das Paisagens surge a partir da perspectiva transversal Bertrandiana que faz soma com o compreender da Paisagem (identidade e marcas da sociedade) presente na tríade Geossistema-Território-Paisagem – G-T-P. Essa perspectiva transversal surge em resposta dada por Georges Bertrand à Laurent Lelli em entrevista ao “*Cafés Géographique de Toulouse*” (Café Geográfico de Toulouse), em 22 de outubro de 2003, quando questionado “como a paisagem é uma questão transversal?”. Bertrand responde, concluindo a entrevista, da seguinte forma:

| Luiz Carlos da Silva Filho |

Cruzar significa “não pare”. É um passo. É uma maneira de coletar informações, de sair de alguma forma de geografia setorial que não atende mais às necessidades da nossa sociedade. Você precisa construir um sistema a partir dos diferentes elementos. Está além do simples agregado. Devemos separar a lacuna entre a geografia física e a humana, reconectar com a história. A geografia deve ser usada para atravessar outras disciplinas, desde que você trace um caminho. Como diz Antônio Machado, “o caminho é feito andando”. Devemos considerar que, quando falamos de paisagem, meio ambiente, desenvolvimento ou território, sempre falamos sobre o mesmo objeto. É um conjunto que não pode ser usado com uma única metodologia. É um paradigma que leva em consideração todos os elementos e híbrida os opostos (exemplo: natureza/sociedade, indivíduo/coletivo, comum/extraordinário). Observe a diferença nas interpretações da paisagem desde o início deste debate. Devemos dar a todos a oportunidade de se expressar com a condição de não o tornar o “super-sistema” que os geógrafos há muito procuram. É uma entrada especial no território que é uma função de todos (BERTRAND, 2003, p. 6, tradução nossa).

É a partir dessa resposta que entendemos a necessidade de rompermos com as binaridades construídas na Ciência Geográfica ao longo dos últimos anos, também, aos recalques estabelecidos na dicotomia geográfica. Nesse sentido, a Geografia Transversal Bertrandiana funciona como um rizoma Deleuzeguattariano que não se constrói a partir de centralidades, mas sim, de não-centralidade e de suas infinitas possibilidades de entradas que chegará em possibilidades diversas de saídas que estão sempre conectadas, não dissociadas ou binárias presentes na paisagem.

Nesse sentido, Bertrand (2003, p. 3) diz que é “um problema filosófico e epistemológico, estarmos acostumados a pensar em termos de dicotomia, raciocinando pelo contraste entre homem e natureza. Este dualismo existe apenas em nossas mentes, por isso é necessário ir além dele” já que não vivemos em partes descontextualizadas de um mundo, mas contextualizadas em diversos campos imbricados onde os “objetos que compõem a paisagem são híbridos”. E não importa qual seja o processo que ocorra, esse não será estritamente natural ou apenas humano, mas “é um elemento natural modificado nas interações com o meio ambiente, em particular humano”. Portanto, reconhecer esse caminho, essa diversidade, nada mais é do que reconhecer uma brecha que perpassa essa acepção, ou seja, a paisagem. “Este problema de oposição deve ser superado. Para entender uma paisagem, é necessário ‘prová-la’ e decompô-la (noção de sistema, inter-relação)”.

Surge então a Cartografia Antropofágica das Paisagens que nos proporciona um “olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência”, dando ao geógrafo possibilidades de exercitar novas formas de cartografar a paisagem (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 47).

Destaca-se que é dever daquele que busca dentro dessa visão cartográfica iniciar a pensar nas novas formas de usar o lápis para cartografar o espaço geográfico. Nesse

cenário há por trás uma micropolítica da observação das paisagens que nos envolve, constrói relações de afetações que configuram a nossa forma de ser e estar no espaço. A observação parte da ideia da atração dos seus contrários, sendo esses: passividade e atividade, heterogeneidades e homogeneidades, construções e reconstruções, perversidades e clemência, ações e reações, possibilidades e impossibilidades. São essas forças, junto aos seus antônimos, que perpassam toda a construção do cartografar e caímos de encontro com o caminho da submersão.

Portanto, adentramos agora na busca de compreender a Paisagem contemporânea ou pretérita com base nas materializações promovidas a partir de como o outro se relaciona com ela e assim como essas partes estabelecem uma relação de construção de identidade, pertencimento, luta e resistência. Nesse caminho a ser traçado busca-se conhecer junto com os sujeitos presentes naquela paisagem suas práticas que são compartilhadas por gerações e de que modo eles entendem e se relacionam com a natureza. Chegando a um exercício que ora passa pela etnografia e ora pela cartografia sentimental que no percurso tornam-se soma na relação da observação e da vivência que será cartografada com auxílio da Cartografia Antropofágica das Paisagens em encontro com a submersão na paisagem.

Esse encontro prático de submersão na paisagem retoma ao nosso pensar geográfico transversal proposto por Georges Bertrand e Claudes Bertrand (2007) e assim poderemos conhecer e ser conhecido, propor e ser proposto, viver e sobreviver, conhecer e reconhecer e assim pôr em evidência as essências que se cristalizam e são cristalizadas no tempo.

Submergir nada mais é do que mergulhar/alcançar nas experiências do vivido as sucessivas marcas deixadas na paisagem e as suas relações constituídas de modo que, dentro das simplicidades despercebidas, buscará encontrar as respostas para nosso investigar. Ressalta-se que nesse caminho o cartógrafo ao submergir no campo do outro deve-se fazer parte e jamais separado do processo.

Portanto, o ato de submergir atrela-se na construção de um ethos de confiança, ou seja, é construir uma relação de confiança com os sujeitos e que não deve ser copreendida como ferramenta de troca, mas como ato de construir relações que contribuirá mutuamente entre as partes. Relacionando-se com a ideia de participar das processualidades existentes e “não como olho que observa e não toca”, mas o “olho que ver, sente, dialoga, participa, trabalha e faz” (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2013).

HODÓS-METÁ

Em busca de compreender as processualidades existentes no transitar entre os caminhos rizomáticos cartografáveis a partir da atividade proposta na oficina Olha essa Luz que ocorreu na I Semana de Artes de Mãe Luiza, evento realizado no bairro de Mãe Luiza na cidade de Natal-RN, adotamos como proposta metodológica intitulada de Cartografia Antropofágica das Paisagens desenvolvida por Silva Filho (2021). Tal proposta busca adentrar no campo íntimo do sujeito, das suas manifestações sociais, culturais e vivenciais, fazendo percursos que nos coloque de frente do nosso objeto estudado. Para isso utilizamos dos dois hodós-metá propostos, onde o primeiro faz uso do diálogo em uma narrativa em primeira pessoa, aproximando o cartógrafo do cartografado; e o segundo é o uso da Geofotografia como narrativa visual dos percursos realizados.

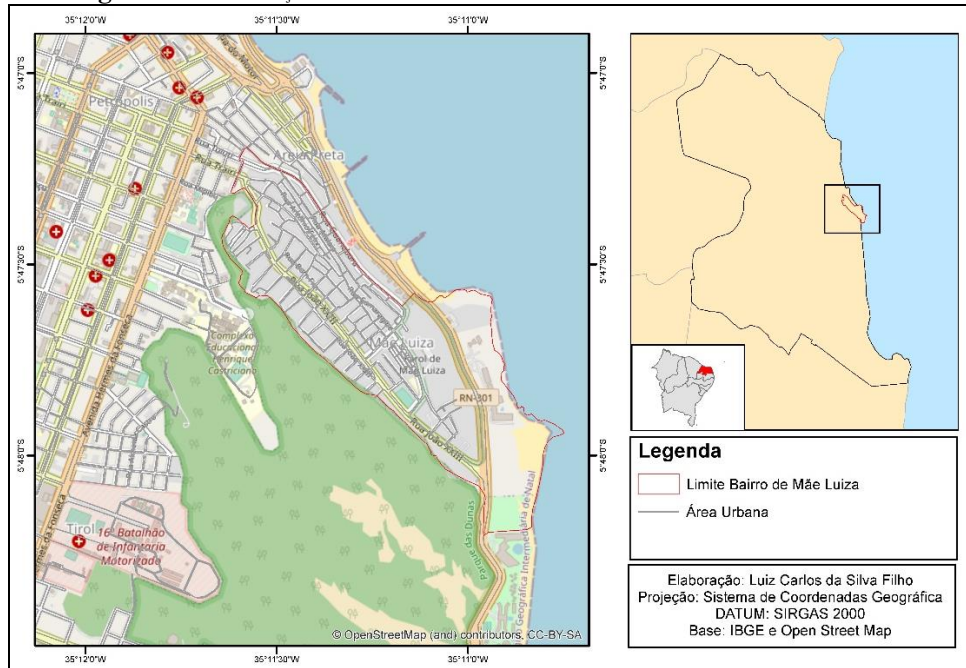
Nesse sentido, o diálogo adentra nos espaços existenciais acompanhando toda processualidade do lugar e na paisagem, cartografando as relações que aos poucos vão sendo formalizadas entre os sujeitos e o cartógrafo. Assim dando passagem aos afetos que transitam a todo momento, juntamente com as narrativas cristalizadas, proporcionando o entendimento da existência de outros sujeitos que são extensões do “meu” mundo que juntos tornam-se simbiose de outros mundos.

E a Geofotografia documental surge como meio de registrar os movimentos transitórios dos corpos que agenciam expressões e composições do vivido captadas pela lente daquele que cartografa ou pelo cartografado.

OLHA ESSA LUZ

No dia dezessete de outubro de 2019, foi iniciada a I Semana de Artes de Mãe Luiza, evento ocorrido no bairro de Mãe Luiza na cidade de Natal-RN (Figura 1), com diversas oficinas voltadas às crianças, aos jovens e adultos da comunidade, além de apresentações culturais com artistas potiguares. O evento foi organizado pelo projeto social Aos Olhos do Farol com intuito de promover aprendizado e valorização da identidade local.

Figura 1 – Delimitação em vermelho do bairro de Mãe Luiza na cidade de Natal.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Às 14h foi o horário marcado para dar início a uma das oficinas, sendo essa a de fotografia, a qual recebeu o nome de “Olha essa Luz”, ministrada pela Carol Macedo na Arena do Morro. Ocorreu um pequeno atraso, o que também não prejudicou o andamento da oficina e o que reservava de mais potente. Resolvidos os problemas técnicos, Carol Macedo iniciara sua oficina fazendo uma pergunta-estímulo aos estudantes da Escola de Reforço Casa Crescer, sobre quem já havia fotografado, e logo alguns responderam que sim, outros ficaram calados e soltando aqueles sorrisos frouxos frouxos de vergonha. A fala era contida em responder às perguntas, mas ela continuava. Em seguida, ela novamente os questionava: “com que vocês fotografam?”, logo responderam que utilizavam os seus celulares. Daí, a professora faz uma nova pergunta, despertando a sensibilidade dos jovens: “Quais espaços vocês mais gostam em Mãe Luiza?”. As respostas para aqueles que perderam a timidez foram: “o Campo de Futebol”, “Arena do Morro”, “a Praia”, “a Praça”. Lugares esses que fazem parte do seu dia a dia com a família, amigos, colegas de classe e que são verbalizados em reconhecimento da sua importância. São espaços de manifestações afetivas onde a emoção é campo subjetivo interno que se cristaliza no real a partir da paisagem que os cercam e torna parte potente da construção do lugar. Eles compõem, traçam e repassam entre eles as afetações agenciadas pelos seus corpos vibráteis. É a materialização topofílica expressa por Yi-Fu Tuan, na qual inclui “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 2012, p. 124).

Ligada a essas respostas, ela rapidamente os questiona: “Por que vocês gostam desses lugares?”. Um responde: “para jogar bola!”, e todos começam a sorrir com a rápida

resposta do garoto. Mas em meio aos risos, escuto uma voz amena e tímida, em resposta, dizia: “estudar!”. Logo, aquela fala me atravessou e me transportou aos meus alunos quando lecionava.

Enquanto essas perguntas estavam sendo feitas, a professora Carol repassava e fazia a apresentação de alguns trabalhos feitos por ela de forma autônoma, adotando o formato de *zine*, que nada mais é do que a construção de pequenos livros em que o autor tenta mostrar/retratar uma situação, podendo ser uma captura do lugar e/ou da paisagem. Ela trouxe belos *zines* que retratavam diversos contextos que foram calmamente explicados e em seguida repassados aos seus alunos. Cada um expressava uma reação diferente com cada trabalho, uns calmamente observavam aquelas capturas que de alguma forma expressava em seus corpos desejos. Enquanto outros não demonstravam nítido interesse.

Nesse sentido, o desejo não surge apenas com o simples fato de querer algo por apenas “querer”, mas vai mais além do que se compreende “como”, adentramos em uma nova conceitualização conectiva do que é esse desejo. Para Deleuze e Guattari (1976, p. 11), “o desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados”, o desejo se faz presente na existência de um algo desejante em um nicho de objetos conectivos. Desejo é construção de algo, de um agenciamento coletivo, sendo uma fábrica produzindo constantemente desejos, que não é interrompível. Os acontecimentos que nos cercam no coletivo vivido nos transportam a múltiplos agenciamentos desejantes. Os garotos que se conectam aos *zines* são movidos coletivamente pelo desejo de produzir algo semelhante entre um agenciamento de entrada (Professora) para um agenciamento rizomático (os garotos e o *zine*).

Com o atraso que aconteceu, com a falta de um *notebook* para expor sua apresentação, Carol permaneceu conduzindo a sua aula. Ela foi nos explicando como via a fotografia em sua vida e como se tornou sua ferramenta de trabalho, capturando emoções e se deslocando no espaço-tempo em busca das formas de expressões corpóreas.

E em seguida os alunos iniciavam a atividade proposta pela professora de ir a campo fazer suas capturas que poderiam ser realizadas em dupla ou individualmente, onde deveriam fazer o uso apenas da sua potência criativa. Sendo a potência criativa “uma força de expansão da vida, uma aptidão do corpo e da mente para a pluralidade simultânea, uma capacidade de imaginar, desejar e criar tudo que aumente sua capacidade de pensar, sentir, desejar, potencializando, concomitantemente, seu modo de existir”. A partir de uma interlocução entre o sujeito com o objeto potencializado, dando “abertura para relações mais amplas e abertas à pluralidade, para a inauguração do novo e para a expressão da

diferença enquanto processo de diferenciação” (STUBS; TEIXEIRA FILHO; PERES, 2014, p. 789).

Então os alunos precisavam destacar três elementos ao longo da atividade, sendo esses:

- I. Textura – sendo toda forma que expresse uma rugosidade, um relevo, que se tenham sensações de distinguir suas formas, tamanhos, sentimentos e toques;
- II. Cores – o que é despertado através das sensações nos sujeitos com o ato de observar, de modo a trazer um conjunto de informações entre as composições das cores, podendo ser entre o colorido ou em Preto e Branco – P&B e;
- III. Sombra – corresponde às formas e sensações proporcionadas pela luz.

Sabendo disso, iniciávamos a nossa atividade de campo onde nossas geofotografias principiavam-se na Arena do Morro e, em seguida, a um campo aberto na Zona de Proteção Ambiental e, depois, ao Farol da Mãe Luiza (Figura 2).

Figura 2 – Localização de nossas capturas na atividade de campo proposta pela professora Carol Macedo. Os retângulos representam: i. Arena do Morro (vermelho); ii. Campo Aberto (verde) e; iii. Farol de Mãe Luiza (azul).



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

LUZ, CÂMERA E... DESCUBRA O MUNDO COM SEU OLHAR, GAROTO!

Iniciada a atividade proposta pela Professora, tirava minha câmera *Sony DSC-H400* que estava em minha bolsa e então começava a capturar alguns momentos e também configurava a sua velocidade e abertura. Nesse intervalo de tempo, aproximava-se de mim, um dos garotos que também participava da atividade e com curiosidade vinha ver o que havia sido capturado. Sem que percebêssemos, em um breve instante, ele havia escolhido a mim, como dupla. Essa escolha quase que involuntária justifica-se na nossa constante necessidade como seres existentes (visíveis-invisíveis) de ir em busca do coletivo dos agenciamentos para construção dos desejos. Entre as possibilidades de realizar a atividade proposta pela professora, o Garoto foi de encontro ao Cartógrafo, que era portador de uma máquina desejante, que lhe daria a possibilidade de expandir seu movimento no espaço a partir da relação que seria construída com o objeto câmera fotográfica, tornando possível ser afetado pela sua potência criativa interrupta.

Naquele momento, eu não pensei duas vezes e coloquei sobre seu pescoço a minha câmera e o dizia: “Pronto! Agora é você quem vai fotografar!”. Em resposta obtive um sorriso bobo estampado em seu rosto que passava de um simples espectador do meu ato de fotografar, para o ato de ser o responsável por capturar os momentos e tornava-me naquela ação o observador/espectador do seu capturar.

Ressalta-se que, nesse cenário cartografado, a fotografia surge como instrumento-elemento que promove a pintura do Garoto-artista no campo cristalizado pela emoção e pelo pertencimento do lugar vivido, traçando o movimento potencializado do seu “eu” com o “mundo”, construindo signos, significados e valores não verticalizados. Acrescentava ali novas formas de ver o seu mundo que era parte e existência da minha extensão como sujeito presente na paisagem, deixando fragmentos agenciadores de capturas do seu devir-fotógrafo que explorava e era explorado, que capturava e era capturado, construindo e reconstruindo sua existência criativa, assumindo total presença, criando entradas e produzindo várias possibilidades de saídas.

Nesse ato de buscar conhecer a funcionalidade maquínica de uma câmera fotográfica perguntava-me como capturar aquela luz, as ações, os movimentos das formas e os fixos que ali estavam, e então o mostrei. Ele não esperou e saiu à procura, movido pela sua potência criativa. Ao vê-lo em busca do que fotografar, despertava em mim, cada vez mais, o desejo em ser o espectador daquele momento. O ato de fotografar para aquele Garoto foi uma forma de se sentir potente enquanto seu corpo expressava uma vontade maior de apertar o botão e ver o que tinha registrado. A segurança que ele criava ao colocar aquela ferramenta em seu pescoço, uma máquina de potência desejante, foi claramente materializada em um sujeito que promovia capturas. Naquele momento ele observava o

movimento dos corpos em meio à quadra esportiva e caminhava em direção para tornar aquele simples momento em que os garotos jogavam bola em uma captura valorizada pela sua ação capturante.

Naquele momento, a câmera utilizada pelo Garoto tornava-se uma extensão ótica da captura de enunciados afetivos presentes naquela paisagem, acompanhando suas transformações no tempo e no espaço que se materializava e cristalizava-se na paisagem, onde aconteciam diversos movimentos que poderiam ser perceptíveis e canalizados ao serem capturados pelo nosso corpo vibrátil que sabe o momento certo em realizar (ROLNIK, 2011).

Logo me via como um sujeito que servia de figurante, coadjuvante em meio ao protagonista que se criava naquele momento. Estava ali para auxiliar no aumento ou na diminuição da exposição à luz ou na abertura do obturador para que ele capturasse todo o momento que se desejava. Ele já assumia postura de Diretor da ação fotográfica dizendo onde eu poderia fotografar e qual forma fixa seria melhor capturada (Figura 3). Passado esse momento de construção de segurança e protagonismo pelo garoto em meio ao campo, iniciamos a primeira etapa da nossa atividade: Textura.

Figura 3 – Crianças e adolescentes se divertiam na quadra esportiva da Arena das Dunas enquanto o cartógrafo observa o movimento dos jovens e do garoto, que apontava a máquina e capturava.



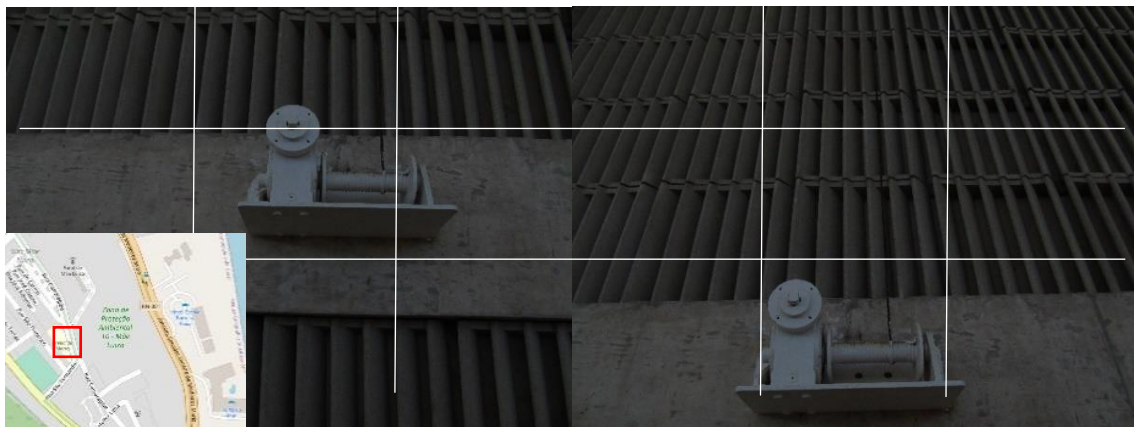
Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

TEXTURA

Saindo da quadra de futebol, fomos para a arquibancada e logo observávamos um tipo de anilha que segurava luminárias em cabos de aço. Ali, praticávamos a tentativa de

encontrar as texturas da nossa atividade. Novamente repassava a câmera que estava comigo para ele. Essa máquina do desejo foi sendo repassada entre nossas mãos sem exigências, naturalmente como em uma dança. Construimos ali uma relação de cumplicidade, o sujeito que ora é protagonista passa a ser o observador e ora os papéis se invertiam novamente. Cada vez que eu pegava na câmera, o ensinava a respeito da funcionalidade interna daquele objeto. Mostrava-lhe a regra dos terços, opção que deixei ativada, e enquanto ele apontava sua máquina para o objeto a ser fotografado, eu direcionava sua mão em busca do objeto e assim ensinava-o que ao movimentar a câmera no plano de observação ele teria vários resultados e que em cada terço daquela cena seria expressa em realidades, contrastes, elementos e quadrantes diferentes (Figura 4).

Figura 4 – Captura feita pelo garoto onde podemos observar os diferentes preenchimentos e composições na fotografia.

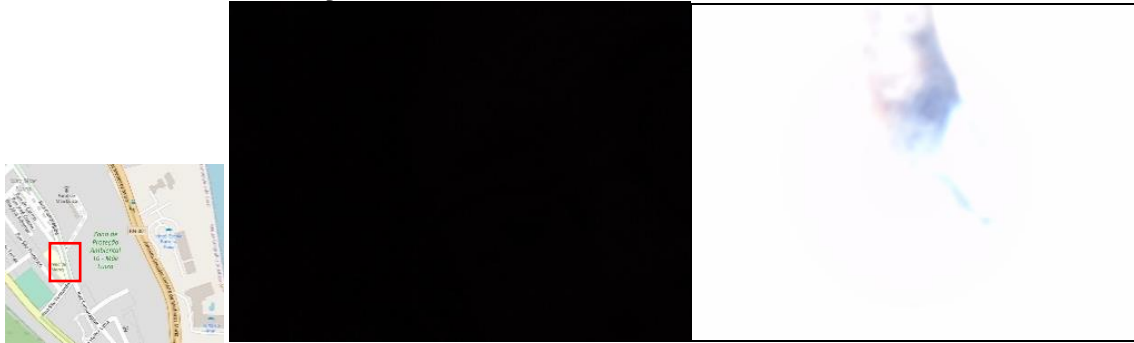


Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

E assim seguimos complementando a nossa atividade. Então expliquei para ele o que fazia ser claro e escuro nas suas capturas e ele logo ficou curioso em saber do que se tratava. Ele sentou e escutou. Mostrava-lhe o que acontecia quando aumentava a duração do movimento do obturador entre o abrir e o fechar, tornando a imagem com mais concentração de luz, e quanto menor era essa velocidade em abrir e fechar, a sua captura ficava mais escura (Figura 5). Nós dois estávamos observando aquele movimento de abrir e fechar e ficávamos fascinados com aquele mecanismo. Eu pelo fato de ensinar algo para uma criança e ele por aprender na prática essas transformações da captura. Posteriormente àquele momento, ele me perguntava se poderíamos sair do espaço em que estávamos e minha resposta foi positiva, já que a proposta da atividade da professora era exploratória. E assim fomos a campo.

| Luiz Carlos da Silva Filho |

Figura 5 – O preto e o branco representa o aprendizado do garoto ao manusear a abertura do obturador e, assim, permitindo a entrada de luz no sensor ótico da câmera.



Fonte: Capturada pelo autor, 2019.

NO CAMPO: cores e sombras

Dando continuidade à cartografia, saímos da Arena do Morro e fomos explorar as cores e as sombras que vibravam sobre nossos corpos. Os grafites foram os primeiros desejos construídos pelo garoto em registrar. O que surpreende é a força a qual ele capturou aquele enunciado. Um pedido de Fé. Entre tantas palavras, frases ali expressas, ele é movido a capturar aquela palavra, simples, com apenas duas letras, monossílabo tônica, sílaba pura. Uma pura captura expressa com a fotografia em seu desejo do que se vê. A palavra Fé é derivada do Latim, tendo como origem da palavra Fidelitas que significa, Adesão, que vem de Fidelis, que significa fiel e que é derivada de Fides (fé) que podemos ter como sentido a palavra confiança (Figura 6).

Figura 6 – As crianças escrevem, pintam e capturam essa palavra que tem um significado além do religioso



Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

O enunciado dessa palavra percorre por todo corpo do sujeito. O ato de estar com a câmera proporciona ao garoto a possibilidade de adquirir confiança de si no mundo. Seu

olhar adota consciência em buscar no campo retratações da realidade a qual ele vive. Pois, isso é um puro desejo de vida construída pela sua captura de fé.

A partir dessa narrativa conseguimos identificar que a palavra confiança no caminhar cartográfico deve ser vista e incorporada ao longo do campo prático e sendo a partir do outro que iniciamos a nossa tecelagem subjetiva, buscando no outro suas composições e produções. Portanto, “a confiança diz respeito tanto ao regime afetivo de articulação quanto à abertura para as transformações decorrentes dessa articulação” e assim destaca-se as formas como as relações entre o pesquisador-cartógrafo e o outro-cartografado se manifestam. Sendo isso que nos coloca em vínculo com o outro, permitindo que a potência de agir, criativa e de composição seja fortalecida, excedendo aquilo que conhecemos na nossa potência de agir. Logo, “a confiança diz respeito a uma dimensão intensiva da consciência em que essa encontra seus limites, em uma zona de permeabilidade entre interior e exterior” (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2013, p. 283-285).

Deste modo, a confiança se constrói em um processo de relação com o que se tem no mundo, no mundo que despertará possibilidades de devires. E nesse transitar do cartógrafo com o Garoto que carregava com ele a máquina de desejo e que se conectavam entre os devires de confiança. O sujeito ali cartografado não era um mero objeto de natureza morta que o pintor traça seus contornos, seus aspectos, texturas, cores, luz e sombra, mas era um ser vivo, uma natureza de potência-vibrátil que transbordava sentimentos, sensações e desejos. A confiança, nesse sentido, se estabelece como meio e fim da pesquisa. “Meio porque ela responde pelo engajamento com base em uma experiência compartilhada. E fim porque esse engajamento ganha sentido ampliando a potência de criação coletiva de territórios existenciais” (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2013, p. 294).

Essa adesão de confiança em si, com a possibilidade de ter um instrumento que o mantenha liberto e o deixe capturar o mundo a sua volta, produz a liberdade de dar um passo à frente e atravessar a barreira que existia na atividade. Ele se vê como um sujeito livre, um sujeito que pode ir mais longe quando captura a adesão de confiança em si, sendo essa a confiança de ir além do que os outros esperam. Então, ele atravessa a rua. Uma rua não tão larga, sem muito movimento de carro para chegar a uma outra contemplação (Figura 7). E nessa ida ele empunha a máquina fotográfica em suas mãos e captura seu Tio, que passava de moto naquele instante. Na tentativa de mostrar que ele é um protagonista daquela cena e daquele momento, o Garoto captura um integrante da sua família. Esse era o seu Tio, que passava em sua moto e rapidamente o Garoto o chama, fazendo com que ele lhe olhe naquela breve passagem; com orgulho, dizia: “esse é meu Tio!”, com um sorriso estridente estampado em seu rosto.

| Luiz Carlos da Silva Filho |

Figura 7 – Enquanto atravessa a rua, o garoto captura o seu Tio, pela sua lente, que trabalhava como mototaxista em Mãe Luiza.



Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

PARA ALÉM DOS MUROS E RUAS À DESLUMBRANTE LIBERDADE

Nessa narrativa o muro se metaforiza como uma passagem de desejo, uma porta que é chave para busca de novos alhures. É entrada e ao mesmo tempo saída, que revela novas formas do mundo. “É que a porta é uma figura da abertura —mas da abertura condicional, ameaçada ou ameaçadora, capaz ele tudo dar ou de tudo tomar de volta. Em suma, é sempre comandada por uma lei geralmente misteriosa. Sua própria batida é uma figura do *double bind*” (HUBERMAN, 1998, p. 234).

O muro como barreira é desconstruído com a afirmação de aderir à confiança de poder ir mais longe e de atravessar os caminhos que podem ser de calmaria ou de adversidades, com a possibilidade de ter a sua família consigo nessa travessia. E sempre entre os muros, existem ruas; das ruas, travessias; e das travessias, almejar a liberdade que se pode ter. Não importa se perdure por longos anos ou por curtos segundos, mas sendo possibilidade de tornar-se confiante em dar novos passos.

Doutro lado do muro encontra-se um campo de dunas, onde alguns trabalhadores em exercício árduo colocam tijolos na caçamba de um caminhão. Ali, os trabalhadores convidam o garoto para fazer deles o alvo de sua captura, e assim o faz (Figura 8). Um dos trabalhadores levanta os tijolos que estavam em suas mãos e nos mostra em um ato de orgulho e resistência, que é ali que está sua vida, sua profissão, seu ganha-pão. Levantar seus braços mostra o quanto o outro lado do muro é difícil, mas gratificante. São diversas as lutas que encontraremos ao longo de nossas vidas e não importa o quanto ela seja dolorida, encaixada e pese sobre nossos ombros, mas não poderemos jamais recusá-las ou suprimi-las.

| Luiz Carlos da Silva Filho |

Figura 8 – Trabalhadores de Mãe Luiza



Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

Nesse momento um dos amigos do garoto se aproxima para acompanhar-nos nessa atividade, ele –e os trabalhadores– nos mostra o farol e nos convida a fotografá-lo e partimos para encontrar o melhor ângulo. E assim sou convidado pelo garoto a tornar “mais clara” (diminuir a exposição da foto) a sua captura, onde ele assume todo protagonismo das capturas e exerce o rápido aprendizado que tentei transmitir para ele. Assim faço e ele fotografa aquele monumento (Figura 9).

Figura 9 – Avistávamos o farol —pálido— que se fazia presente mesmo sem o nosso olhar.



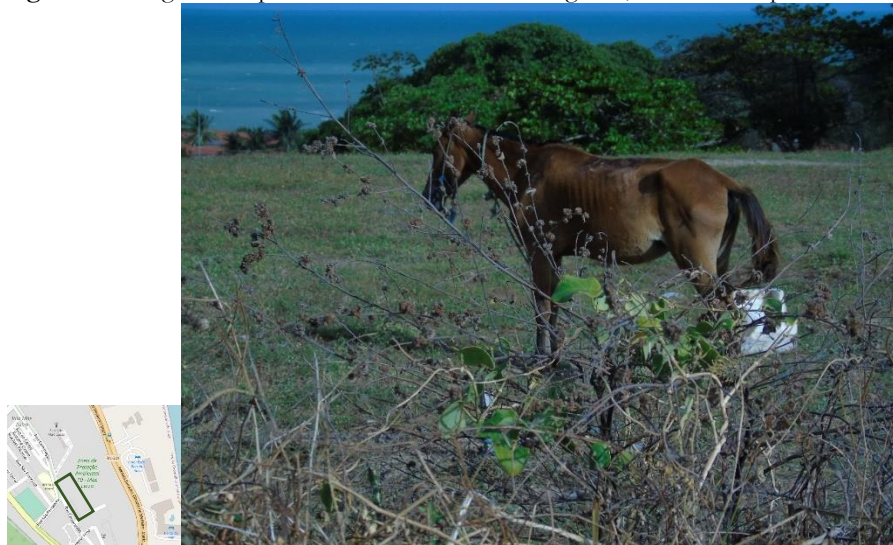
Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

A fotografia do farol é composta por um enquadramento entre o segundo e terceiro terço. Para um jovem que antes não teve um contato com uma câmera fotográfica

semiprofissional, conseguiu erguer o peso, posicionar firme sua mão e orientar em um movimento de enquadramento que foi reproduzida nessa imagem acima.

Os seus amigos iam ao nosso encontro com uma câmera pertencente à Professora e também começavam a disputar entre eles as melhores capturas. Corriam em direção à borda daquele campo que havia atrás do muro em busca da foto perfeita. Naquele caminho, o garoto fazia um movimento interessante, ele abaixava na tentativa de encontrar novos olhares para capturar algo e nesse movimento ele fotografava um cavalo (Figura 10).

Figura 10 – O garoto explora novas formas de se fotografar, se move e captura o cavalo.



Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

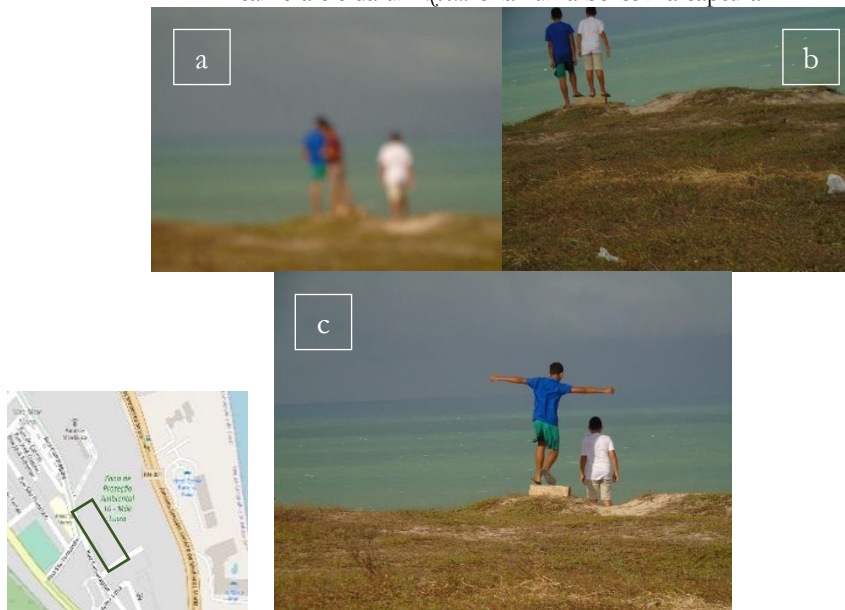
Enquanto ele buscava o melhor ângulo para fazer aquela fotografia, às suas costas, não muito distante, repousava um Senhor enquanto observava o cavalo em um cercado com um banco improvisado. Em um exercício de calma, contemplava o seu animal que se alimentava naquele campo, enquanto o Garoto fotografava o magro cavalo juntamente com o mar que estampava o fundo com toda aquela miscelânea. São vários olhos que observam um único objeto, construíam-se naquele instante um elo entre aquele que observava e capturava, aquele que observava aquilo que se tinha como seu e aqueles que observavam e devoravam. Era um mesmo animal diante de nossos olhos, mas era um cavalo díspar perante cada observador. Aquilo que se apresentava mudava conforme era observado. Em um único instante no tempo, eram três cavalos, já que “em um agenciamento é sempre um coletivo. Coletivo, construtivismo, etc. É isso o desejo”. Onde passam nossos desejos entre os cavalos? Qual é minha posição na paisagem? Sou exterior ou faço parte naquela paisagem? “Estou ao lado, dentro, no centro dela? Tudo isso são fenômenos de desejo. É isso o desejo” (DELEUZE, 1988, p. 19). E em resposta a tudo

isso, transparecia a confiança nas capturas do garoto que não hesitava mais em explorar a sua volta.

ZOOM

Enquanto ele continuava a fotografar, eu sugería que ele fotografasse os seus amigos um pouco a frente. Então, ele logo usou do *zoom* para chegar aos seus amigos de onde estava. E assim que apontava, afobado, a câmera com a lente em *zoom*, ele perdia a estabilidade ao tentar capturar aquele instante. Sua captura perdia o foco e o enquadramento e, para ajudá-lo, eu lhe mostrava como estabilizar a câmera, fazendo com que ele colocasse uma das suas mãos sobre a lente e a base, e a outra no apoio de mão; finalmente, ele conseguiu focar (Figura 11).

Figura 11 – a) O garoto tenta capturar seus amigos no limite que se vê, mas não acerta o foco; b) Novamente ele tenta fazer a captura, acertando no foco, mas não enquadra; c) Depois de explica-lo como segurar a câmera ele dá um *zoom* e faz uma belíssima captura.



Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

Essa ação nos permitiu refletir que, ao construirmos confiança em nós, poderemos chegar mais longe, criando possibilidades e formas de alcançar o que está a nossa frente. Não é fácil chegar até esse caminho, mas com calma e aprendizado conseguiremos. Para isso, precisamos estar dispostos desde o início. Sentir-se afobado pode vir-a-ser configurado em nosso corpo como expectativa de chegar ao objetivo, mas esse estar-afobado pode não nos permitir enxergar as coisas como realmente são.

E assim deixamos o *zoom* e caminhamos para o nosso primeiro objetivo: que era chegar no que construímos como o lugar perfeito para fotografar. Os meninos em ritmo de

competição não se permitiram a ficar apenas no limite do visível e deram um passo à frente e romperam novamente com os limites criados por nós. Naquele momento estávamos contagiados pelo desejo de chegar mais perto do nosso objetivo e então corremos em festa e alegria em um ritmo que transbordava em mim uma potência de vida. Percorria uma sensação que não sentia há um bom tempo. Festejavam as moléculas em mim (Figura 12).

Figura 12 – Os garotos agora corriam livremente pelas dunas e me convidavam também a correr.



Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

AS PASSADAS SÓ NOS LEVARIAM A UM LUGAR – a luz e sombra do farol

Fui movido por uma vontade de continuar em meio àquela vibração que agora era compartilhada por quatro corpos vibráteis que corriam para chegar em outro lugar, desconhecido para mim, mas contagiado por uma força verbalizada, segui. Despertavam em mim uma alegria quando ecoava de suas bocas —naturalmente— a palavra “Professor”. Não existe palavra mais potencializadora do que ser chamado de Professor. Não me apresentei como, mas capturam em mim essa imagem, um devir professor potencializado surgiu em mim. Nesse momento, o garoto que compunha minha dupla faz uma captura extremamente potente (Figura 13).

| Luiz Carlos da Silva Filho |

Figura 13 – Trocas de capturas entre o garoto-fotógrafo e o cartógrafo.

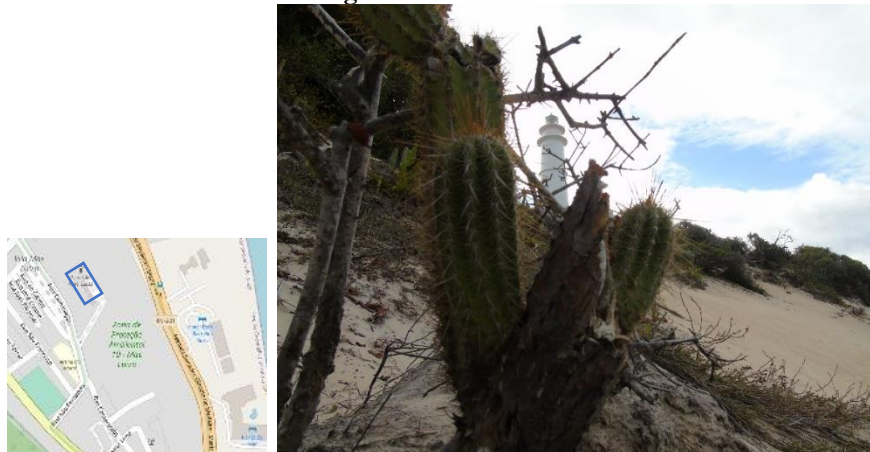


Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

Quando pegava o meu pequeno caderno de campo e através das sensações que afloravam em mim, resolvi escrever aquilo em uma frase: “Como meninos do Farol tudo é motivo de festa”. Foram duas capturas feitas naquele instante recortado no tempo, uma do garoto que percebia em meu momento de anotação uma vontade de capturar e a outra por mim agenciada pelos quatro corpos que ali vibravam e transitavam. Naquele instante, tudo aquilo me potencializava e dava nome àquele momento —e ao título desse artigo.

Então, seguimos e chegamos ao Farol de uma outra perspectiva. Agora, mais próximo a nós, observamos e capturávamos aquela paisagem. Aquela estrutura que construída para guiar os navegantes com luzes, nos guiava com uma outra luz. Agora, era a composição da luz e sombra que buscávamos. A luz do sol que irradiava no farol pintava sobre aquele instante uma pintura a qual contemplávamos os detalhes, as cores, a sombra que era produzida daquele lado. Revelava-nos em meio a essa miscelânea de cores e formas, um cacto e então os chamei para participarem de uma experiência (Figura 14).

Figura 14 – O farol e o Cacto.



Fonte: Capturada pelo Garoto, 2019.

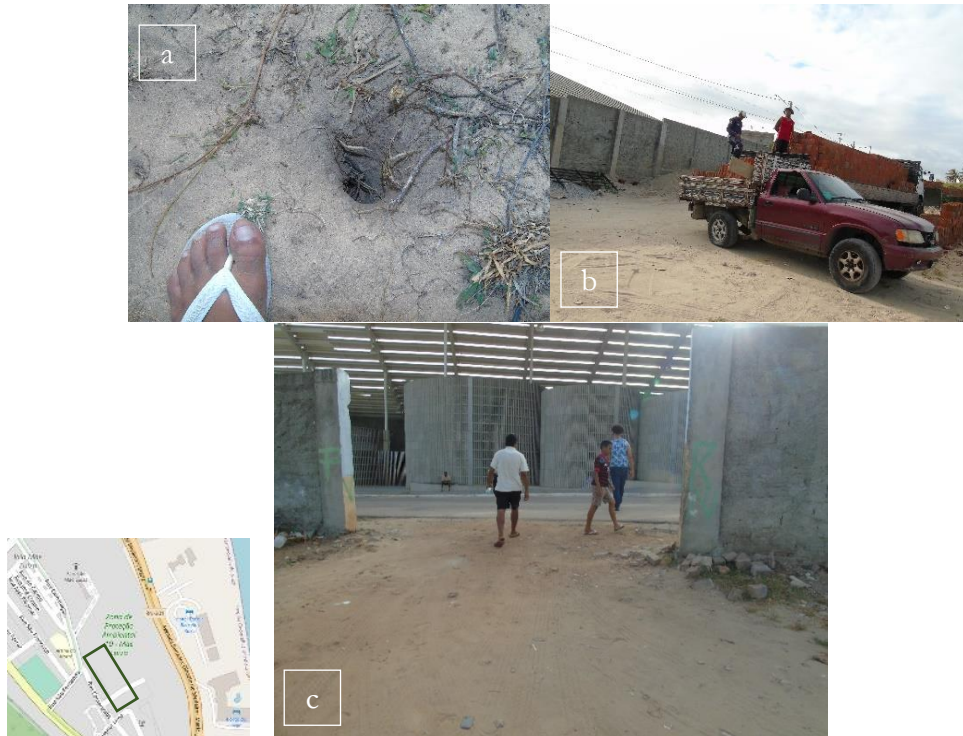
Passei a mão sobre os seus espinhos, enquanto eles olhavam com uma mistura de estranheza e medo. Mas fiz o convite a escutarem o som que era produzido por aquela planta, quando deslizava meus dedos se parecia com a água fluída e percolante. Esses espinhos que causavam medo e estranheza àqueles que viam o outro se aproximar ou tocar, nela expressava a sua adaptação a ambientes áridos para sobreviver e resistir a condições árduas. Ambientes que muitas vezes podemos metaforizar como o nosso, onde somos cactos com seus espinhos que espanta os outros de se aproximarem e fazer contatos, mas somos fluidos e tocáveis, quando se é construída a confiança no outro e em nós.

O APRENDIZADO É VIA DE MÃO DUPLA

Do farol voltamos pelo mesmo caminho. Agora com novos significados, aprendizados e extremamente potentes. O caminho foi construído com a relação de aprender com o outro, sem hierarquia, sem ver no outro um ser menos potente ou menos capaz de fazer ação. A câmera assumiu na construção desse aprendizado o mecanismo que deu potência, deu confiança e protagonismo. O outro não foi um personagem meramente ilustrativo, mas real, que foram de um a quatro e assim em um. Uma via de potencialização, realização na construção de uma atividade. Foram capturadas cores, texturas e luzes e sombras. As pessoas encontradas foram passo a passo construindo uma forma potente para o garoto, aos garotos e para mim. O aprendizado foi de mão dupla, pois não se encerrou no Farol a festa e enquanto voltávamos os garotos realizavam novas descobertas, novas perspectivas sobre aquele lugar (Figura 15).

| Luiz Carlos da Silva Filho |

Figura 15 – Novas descobertas enquanto voltávamos em um aprendizado de mão dupla. a) toca de um animal; b) os trabalhadores completavam sua tarefa e; c) a porta de entrada era caminho para expor suas descobertas.



Fonte: Capturadas pelo Garoto, 2019.

Por fim, chegamos ao portão que proporcionou ao garoto explorar o mundo além dos muros estabelecidos e ao caminhar para além com aquele instrumento que promovia suas capturas de um mundo seu e compartilhado conosco, colaborava com sua construção de confiança. O portão de entrada foi o mesmo de saída e não construía sobre ele a ideia de barreiras ou empecilhos que deixasse o garoto sempre recuado, mas pelo contrário, em meio as suas paredes tinha uma força que promovia no garoto o desejo de ir mais longe, um desejo de explorar o mundo: um devir fotógrafo-explorante. A rua e o portão foram passagem de ida e de volta. Ora de começo da atividade proposta pela professora, ora como volta da atividade. Uma volta de cinco sujeitos potencializados com um único desejo de mostrar ao mundo suas descobertas.

UM ATÉ LOGO PARA NÃO CONCLUIR

Essas descobertas das texturas, cores, luzes e sombras foram alegremente mostradas por eles com orgulho. Eufóricos faziam questão de mostrar suas capturas a sua professora de reforço que lhes acompanhavam naquela atividade. Era uma confluência de vibrações que atravessavam a todos que estavam naquela sala sem limitações. Era a

realização, para o garoto que acompanhei, a todo momento em sentir-se confiante em registrar o mundo que ele antes tinha para si e agora ele tem para todos.

A fotografia tornava-se sinônimo de fé que gerava no sujeito o desejo de buscar expressar sua realidade confiante. Enquanto fotografava, o sujeito-garoto é capturado por outros sujeitos-capturantes, formando um conjunto de capturas visuais, sentimentais e existenciais (Topofilia). O caminho foi percorrido sabendo que o aprendizado seria via de mão dupla e não se encerraria ao final da atividade ou apagada pelo espaço-tempo, pois materializou-se. O desejo de um garoto que timidamente falava “estudar” enquanto os risos percorria aquela sala pequena, assumia todo protagonismo da história. O garoto tímido se tornara o garoto que adere confiança no seu deslocar no espaço e que encerrava o dia enchendo-me com o desejo de antropofagizar aquele mundo a partir de suas fotografias. Então, ele se despedia apertando a minha mão e, logo em seguida, enquanto seguia para o encontro dos seus amigos e seguir seu rumo, olhava para trás e dizia: — Até logo!

Nessa narrativa, a câmera passou de uma mera máquina de captura de luz para uma máquina de produção de desejos, de potência de existência no mundo e tornando o garoto, antes tímido, em protagonista de compor os espaços, abrindo caminho para novos horizontes além do limite do olhar e do que se tinha construído. A arte de fotografar foi delírio e potência, era desejo de ser notado em um mundo que o invisibilizava, que abafava suas falas e os espaços em que passava. O garoto pediu passagem e o cartógrafo o deixou passar, acompanhando seu trajeto que derrubava a metaforização da porta que impediria-o de chegar além. Foi via de mão dupla construída onde a luz era capturada pela sua mão maquina desejanse que ali era composta a mais delicada forma de existir, capturando paisagens.

Chegamos ao fim da nossa caminhada pelas dunas em busca do farol de Mãe Luiza, onde essa experiência cartográfica realizada a partir da Cartografia Antropofágica das Paisagens nos promoveu uma expansão do nosso fazer geográfico, adentrando em um novo campo que nos permitiu mergulhar sem limitações na experiência do vivido, dos lugares que promovem emoções e das paisagens que compõe o desbravar na mais pura existência do ser.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil (CAPES) e agradeço ao garoto de Mãe Luiza (Gabriel) por ter me proporcionado junto aos seus amigos umas das mais belas

e emocionantes tardes na cidade de Natal. Do nosso transitar entre aprendizado, ruas e muros, fincamos sob a areia das dunas um elo de confiança que permanecerá em nossa existência como via de mão dupla.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: KASTRUP, V.; PASSOS, E.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. v. 01. p. 52-75.

BERTRAND, C. **Uma Geografia Transversal - e de travessias**: O meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Maringá: Ed. Massoni, 2007.

BERTRAND, G. Le Paysage, une Géographie Traversière. **Cafés Géographiques**, out. 2003. Disponível em: <<https://cafe-geo.net/wp-content/uploads/CR-Paysage-22.10.03-.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2019.

DELEUZE, G. O abecedário de Gilles Deleuze. [Entrevista concedida a] Claire Parnet. Tradução e transcrição de Tomás Tadeu da Silva. **Máquina da diferença**, 1988. [on-line]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/faced/tomaz>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. 560 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. São Paulo: Editora34, 1996. v. 1. 128 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1997. v. 4. 200 p.

HUBERMAN, G. D. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998. 264 p.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do Método da Cartografia**. Pesquisa - intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. 207p.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a04.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2020.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2011. 247p.

SADE, C.; FERRAZ, G. C.; ROCHA, J. M. O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 281-298, jan./ago. 2013.

SERPA, A. **Por uma Geografia dos espaços vividos**: Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Editora Contexto, 2019. 128 p.

SILVA FILHO, L. C. da. **Do Geossistema-Território-Paisagem à Cartografia Antropofágica das Paisagens**: proposta para compreensão da formação histórica e ocupação do solo litorâneo do Recife-PE. 2021. 288 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUBS, R.; TEIXEIRA FILHO, F. S.; PERES, W. S. A potência do *cyborg* no agenciamento de modos de subjetivação pós-identitários: algumas conexões parciais entre arte, psicologia e gênero. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. 3, p. 785-802, set./dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5007/4857>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

Como citar:

ABNT

SILVA FILHO, L. C. Como “Meninos do Farol” tudo é sinônimo de festa: uma Cartografia Antropofágica das Paisagens no bairro de Mãe Luiza, Natal – RN. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 8, e202220, 2022. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202220>>. Acesso em: 31 dez. 2022.

APA

Silva Filho, L. C. Como “Meninos do Farol” tudo é sinônimo de festa: uma Cartografia Antropofágica das Paisagens no bairro de Mãe Luiza, Natal – RN. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 8, e202220, 2022. Recuperado em 31 dezembro, 2022, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202220>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2022, Universidade Federal do Maranhão.

